

PARA A COOPERAÇÃO QUE PRETENDEMOS TEMOS DE ESTAR UNIDOS

★ Excertos do discurso do Presidente Samora Machel

O significado da cooperação e o espírito de unidade constituem temas dominantes do discurso do Presidente Samora Machel aquando da realização da Cimeira de Lusaka, a 1 de Abril deste ano. As palavras proferidas na ocasião pelo Chefe de Estado moçambicano sublinharam aspectos fulcrais da actividade de coordenação que se impõe desenvolver entre os nove países da zona para que se libertem economicamente. Pela actualidade e oportunidade daquelas palavras, dado que hoje se inicia a 2.ª Conferência de Coordenação para o Desenvolvimento da África Austral (SADCC-2) publicamos seguidamente extractos da referida intervenção:

(...)

N. 27/11/40

«Importa agora, que a experiência de Unidade e coesão vivida no seio dos países da Frente pela luta de libertação política dos povos seja também estendida a todos os países e governos de maioria da África Austral na luta pela libertação económica.

Trata-se agora da luta pela libertação económica dos nossos países em particular de reduzir a dependência em relação à África do Sul. Não devemos ter receio em dizer que queremos reduzir a dependência em relação à África do Sul. No entanto, clarificamos que não estamos a declarar guerra à África do Sul.

Essa luta requer Unidade entre os nossos países, Unidade que deve ser assente nos princípios do respeito pela soberania, não-ingerncia e procura de soluções mutuamente vantajosas.

Esta Unidade é fundamental para superarmos a situação económica que nos foi legada pelas potências colonizadoras que viam, e continuam a ver em nós, os eternos produtores e exportadores de matérias-primas e de mão-de-obra barata. Esta Unidade é fundamental para conseguirmos impor relações económicas justas com os países desenvolvidos que nos impõem preços cada vez mais altos de equipamento e tecnologia que temos de importar.

Podemos mesmo dizer que a maior parte do esforço do nosso desenvolvimento é absorvido pela elevação de preços a nível mundial.

Desta forma se nos queremos libertar da miséria, da fome e da dependência crónica em que nos encontramos, temos que reunir a nossa capacidade criadora, as nossas riquezas para fazer um combate decisivo contra o subdesenvolvimento e contra a dependência.

Esta Unidade tem que ser conquistada e cimentada no dia-a-dia e através de acções concretas. Para cimentarmos a nossa Unidade temos de saber qual é o nosso objectivo principal em cada momento.

No seio dos países da Linha da Frente, a Unidade teve como base fundamental o apoio ao Povo do Zimbabwe e da Namíbia na sua luta contra o regime ilegal de Smith e contra o regime da África do Sul. Queríamos e derrotámos o regime de Smith.

Agora o nosso objectivo principal é reduzir a dependência da África do Sul. É em torno deste objectivo que devemos consolidar e desenvolver a nossa unidade. (...)

Esta prática consequente vai permitir o alargamento constante das áreas de cooperação entre os nossos Estados. Isto porque aumentar a cooperação entre os Estados da região significa reduzir a dependência da África do Sul e, consequentemente, do imperialismo. Por isso, os planos económicos têm de ser preparados e concebidos por nós. Ninguém melhor do que nós conhece as nossas prioridades e necessidades. Não podemos aceitar o hábito de planos feitos fora da região.

Os nossos povos querem a paz, querem progresso material e cultural. Somos trabalhadores incansáveis mas queremos beneficiar dos resultados dos nossos esforços. Os nossos povos têm consciência que a cooperação é fundamental para a construção de um destino melhor para os nossos filhos.

A cooperação que pretendemos iniciar depende da nossa vontade política e do nosso empenhamento na sua implementação. Queremos insistir neste ponto porque podemos fazer uma bela declaração mas falta a implementação. Para esse efeito, temos de nos libertar de climas e tomar o avanço de qualquer país como sendo o nosso. Se a Zâmbia progride, significa que Tanzania e Malawi estão a progredir também.

A cooperação significa o desenvolvimento de todos os países da região em benefício dos respectivos povos. Significa ainda um aproveitamento nacional das especificidades de cada um dos países em particular, das riquezas naturais e da localização geográfica.

Durante a reunião em Maputo das antigas colónias portuguesas, constatamos que não há ajuda nem caridade e nós também não a queremos. O que existe são interesses. Por isso, não devemos falar em ajuda mas sim de cooperação. A Tanzania vai comemorar 20 anos de independência mas nunca recebeu ajuda. O mesmo se pode dizer da Zâmbia. Os interesses económicos é que movem os diferentes países. Vão a Angola porque pretendem petróleo, diamantes e café. No Zimbabwe, querem crómio e ouro. Na Suazilândia pretendem ferro e carvão.

As nossas riquezas naturais são os alvos e por isso são também nossos instrumentos para cooperação e não para ajuda. Por isso, não devemos esperar ajuda mas sim cooperação.

O incremento da cooperação é em particular a coordenação dos esforços de desenvolvimento não é uma tarefa simples nem fácil. Muitas tentativas foram feitas em diferentes regiões e em diferentes momentos.

A História da África é infelizmente rica em exemplos que não foram bem sucedidos.

Temos de tirar lições dessas iniciativas e aproveitar a nossa própria experiência. Por isso temos de ser humildes nos nossos objectivos imediatos e ambiciosos nos objectivos a longo prazo. Devemos ter consciência que não estamos em condições de criar de imediato uma comunidade económica para a região, mas podemos desde já dar passos seguros em algumas áreas já identificadas: agricultura, indústria, comércio e energia.

O desenvolvimento da cooperação nessas áreas dependerá de um sistema adequado de transportes e comunicações porque sem ele essa cooperação tornar-se-á impraticável. Estamos certos que os empreendimentos que levarmos a cabo nos diversos domínios de actividade económica, desde que controlados por nós próprios, se traduzirão em benefícios directos para os nossos Povos e consequentemente para a melhoria das nossas condições materiais e sociais.

Serão também esses benefícios directos que irão incrementar o nosso desenvolvimento e cooperação económica, tendo em vista a satisfação das necessidades elementares dos nossos Povos.

Nesta fase inicial, torna-se pois fundamental que realizemos acções concretas, que ganhemos a experiência para definirmos melhor as modalidades e áreas de cooperação. Não é pela criação de instituições que desenvolveremos a cooperação multilateral.

Alguns de nós têm experiência da ineficácia da criação de estruturas pesadas e dispendiosas que pouco ou nada contribuíram para que os objectivos principais fossem alcançados. As instituições devem surgir para responder a necessidades objectivas, não devendo ser concebidas com um fim em si.

Façamos nossa a experiência que já existe, construamos o edifício da nossa cooperação começando pelos alçarcas e não pelo telhado. Aprendamos e valorizemos pois da experiência que já existe dos trabalhos dos países da Linha da Frente: não criámos nenhuma organização nem instituições pomposas, mas fomos eficientes e operativos.

A experiência dos países da Linha da Frente na luta pelo apoio à libertação dos povos oprimidos e explorados da África Austral ensinou-nos que a cada uma das nossas iniciativas e vitórias o imperialismo responde com novas manobras.

Depois desta reunião haverá muitas intrigas, muitas manobras para nos dividir e enfraquecer, para assim continuarmos a depender deles. Por isso devemos uma vez mais estar vigilantes para fazer face às manobras divisionistas que o imperialismo tentará de novo desenvolver, reforçando a cada passo a nossa unidade, força-núcleo que nos permitirá poder vencer a nova batalha contra o subdesenvolvimento e dependência».